

ÉTICA E LINGUAGEM NA RECEPÇÃO DE

GRAN SERTÓN: VEREDAS

Leomir Silva de Carvalho¹ (UFPA/CAPES)

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda² (UFPA)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo pensar a experiência tradutória de Ángel Crespo, tradutor de *Grande sertão: veredas* para o espanhol, em sua relação com a ética da tradução proposta por Antoine Berman. Ao lado disso, busca-se também dimensionar o alcance político de *Gran sertón: veredas* e da atuação de Crespo como diretor da *Revista de Cultura Brasileña*, utilizando-se das reflexões de Barthes e Didi-Huberman, acerca do potencial político da linguagem e da experiência. Para isso, tomam-se textos críticos sobre a tradução, são eles: “Recepción en España de Gran sertón: veredas” (2007), de Antonio Maura e “A recepção de Guimarães Rosa na Espanha: a Revista de Cultura Brasileña” (2009), de Pilar Gomes Bedate. Observa-se que Crespo decidiu-se por uma ética positiva apesar do cenário conturbado enfrentado pela Espanha durante a segunda metade do século XX, o que propiciou que as escolhas do tradutor influíssem no contexto político e artístico de sua época e contribuissem para o alcance da obra até os dias de hoje.

Palavras-chave: Ética da tradução. *Gran sertón: veredas*. *Revista de Cultura Brasileña*.

Introdução

Grande sertão no momento de sua publicação provocou distintas leituras entre os críticos nacionais e logo chamou a atenção de editoras e tradutores fora do país. No contexto regional, vivia-se o *boom* da literatura latino americana, quando a produção de alguns países da América Latina alcançou destaque no território europeu e nos Estados Unidos. Isso provavelmente contribuiu para que a obra de Guimarães Rosa, especificamente *Grande sertão: veredas*, se notabilizasse. Algumas das primeiras

¹ Leomir Silva de CARVALHO. Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal do Pará – UFPA e bolsista CAPES. E-mail: leomircarvalho@gmail.com

² Sílvio Augusto de Oliveira HOLANDA. Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA. Email: eellip@hotmail.com.

traduções lançadas foram a alemã, a norte-americana e a italiana.

No que tange à recepção e à tradução do romance na Espanha constata-se que a obra de Guimarães Rosa integrou um contexto ainda mais amplo e complexo, que foge à mera tendência passageira ou às modas literárias. Ángel Crespo, o tradutor espanhol, claramente se preocupou em manter as inovações de linguagem presentes em *Grande sertão: veredas* flexibilizando ao máximo seu idioma para promover abalos e rupturas que excedem o nível estritamente linguístico.

Ángel Crespo Pérez de Madrid nasceu em Ciudad Real, em 1926, e faleceu em Barcelona, no ano de 1995. Ao longo de sua vida atuou como poeta, ensaísta, tradutor e crítico de arte. Na década de 1940 integrou o movimento postista que, sob a influência do surrealismo e do ultraísmo, tinha como objetivo manter aceso o ímpeto das vanguardas do início do século XX. Durante os anos 1950 e 1960 publicou e dirigiu revistas de cunho literário como a *Deucalión* (1951-1953) e a *Poesía de España* (1960-1963), esta com a participação dos poetas Rafael Alberti e Dámaso Alonso. O princípio de sua carreira como tradutor aconteceu nessa época, ao verter para o espanhol os *Poemas de Alberto Caeiro* (1957). *Gran sertón: veredas* surge dez anos depois, em seu exílio em Porto Rico, devido à vigência da ditadura de Francisco Franco na Espanha.

Essa época também é marcada pelo surgimento da *Revista de Cultura Brasileña* (RCB), que tem sua primeira tiragem entre 1962 e 1970, período em que Crespo esteve à frente como diretor. A RCB, financiada pela Embaixada do Brasil em Madrid, foi responsável por difundir a literatura e a arte brasileira em solo espanhol. Ao reunir críticas, traduzir e organizar antologias colaborou na construção de novas alternativas para o fazer estético apesar do governo ditatorial.

Este artigo busca pensar a experiência tradutória de Crespo em *Gran sertón: veredas* em seu diálogo com a ética da tradução apresentada por Antoine Berman, em *A Prova do Estrangeiro* (2011). Ao lado disso, investiga o potencial político da prática adotada por Crespo ao compor uma obra que no contato com o estrangeiro, se fecha para os leitores do próprio idioma, ao mesmo tempo em que abre uma possibilidade de revisão dos padrões literários de seu tempo. Na observação deste último aspecto são relevantes as reflexões levantadas por Barthes, no texto publicado com o título *Aula* (2004), e por Didi-Huberman, no ensaio *Sobrevivência dos Vaga-Lumes* (2011), sobre

o diálogo entre linguagem literária e política.

Assim, para investigar Crespo nos desdobramentos alcançados por sua tradução do romance rosiano na Espanha, recorre-se a textos críticos sobre sua tradução, são eles: “Recepción en España de Gran sertón: veredas” (2007), de Antonio Maura e “A recepção de Guimarães Rosa na Espanha: a Revista de Cultura Brasileña” (2009), de Pilar Gomes Bedate.

1. Para uma ética positiva

Ao se constituir como uma atividade que tem o outro como princípio básico, a tradução provoca abalos e rupturas em diversos níveis. O movimento de saída estabelecido pela tradução vem acompanhado de uma revisão dos valores considerados particulares como o de identidade, o de nacionalidade e o de tradição. Deste modo, ao se falar em uma ética que envolve o ato de traduzir tem-se como objetivo refletir sobre as diretrizes que regem esse diálogo com o outro.

Um pensador que se preocupa em formular uma ética da tradução é Antoine Berman (1942-1991). Ao longo de sua vida Berman atuou como crítico, filósofo e teórico da tradução. Como tradutor, se ateu às obras de escritores latino-americanos e alemães. Algumas de suas publicações traduzidas para o português são: *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007) e *A prova do estrangeiro* (2002). Nesta última obra, o pensador francês investiga o labor tradutório de poetas do romantismo alemão e formula uma ética da tradução.

Primeiramente, Berman se preocupa em questionar o espaço ancilar concedido a esse campo de estudo, que muitas vezes esteve subordinado à teologia, à filosofia ou à linguística. Esse aspecto pode ser sintetizado no epíteto italiano *traduttore traditore*, que reflete a profunda desconfiança em relação a esse sujeito e que, segundo as palavras de Schleiermacher citadas por Berman, deve decidir-se a seguir um dos senhores que se conjugam em sua prática, a língua e o autor da obra estrangeira ou a própria língua e o público nacional.

A traição nesse caso, não seria um risco, mas um imperativo, visto que, ao decidir-se por um deles, o tradutor necessariamente teria que deixar o outro de lado. Ao

buscar outro caminho, para além da condição servil, Berman, observando a história, nota que no século XVI a língua materna não tinha uma posição fixa para o público letrado, que costumava transitar entre distintos idiomas. Se hoje se exige do tradutor que ele esteja preso a um sentido isto se deve ao lugar consolidado que a língua materna passou a ocupar no meio intelectual da atualidade. De acordo com o teórico francês, com a sacralização da língua materna é cobrada do tradutor uma postura humilde ante o texto estrangeiro (BERMAN, 2002, p. 16).

Esse contexto se comunica com a aspiração das culturas, em geral, à estabilidade e a exercer uma força de dominação sobre outras. Berman afirma que essa aspiração é comum e se dá ainda que na forma de um desejo inconsciente, obrigando a tradução a se instalar no espaço da fissura no terreno plano almejado pelas culturas nacionais, que tendem a rejeitar qualquer rachadura ou declive.

Para definir uma ética positiva da tradução, o pensador francês se debruça também sobre uma ética negativa dessa prática. A negatividade advém quando, em sua atividade, o tradutor procede a uma série de apagamentos sobre a língua de partida. Essa prática tem como resultado uma “tradução etnocêntrica”, que na intenção de fazer-se compreensível para o público de chegada nega o elemento estrangeiro que emana da obra traduzida.

Todavia é deste elemento carregado de estranheza em sua própria linguagem que deve partir a pura visada tradutória. Rumo a um significado positivo e autônomo para a tradução, há a necessidade de situar a diferença em um lugar relevante nessa prática. Para realizar uma ética positiva, o tradutor deve questionar as estruturas inerentes à sua linguagem, que o forcem a dizer de uma determinada maneira e a impor a sua visão de mundo. Encaminha-se, portanto, a um conceito e a uma prática política que se vinculam ao modo como a linguagem é compreendida e como pela tradução ela pode ser mobilizada e transformada para enfatizar o lugar da diferença.

1. Por uma linguagem outra

Barthes ao identificar a linguagem ao poder reconhece o seu caráter repressor que se manifesta no “desejo de agarrar”, no anseio de trazer para si as coisas e dominá-

las. O problema suscitado pela linguagem é que para além dela não há expressão ou pensamento possíveis, como no conto “As portas da lei”, de Kafka, em que a vontade do camponês de atravessar a porta se defronta com o impedimento da sentinela e dos demais guardas que estariam nas portas seguintes. Nesse caso a força do guarda é confrontada com a fraqueza do camponês, que ainda na primeira passagem é barrado e não poderá seguir adiante. A peremptória impossibilidade de ver o que há depois das portas protegidas pelas sentinelas é comparável à impossibilidade humana de atravessar a linguagem para ver fora dela.

Assim, a linguagem sendo o lugar do poder revela um potencial coercitivo e repressor sobre o homem. Semelhante a uma criatura que se volta contra o criador não há como fugir ao controle da linguagem, de modo que as vozes autorizadas se reúnem nos discursos legitimados pelas instituições e pelos próprios indivíduos, ao mesmo tempo em que se dispersa na palavra dos chefes, ou dos vários agentes autorizados a falar, ainda que as suas vozes sejam de contestação.

Para romper com o aparato fascista presente nos discursos de dominação, Barthes afirma que só é possível recorrendo-se ao recurso da *trapaça* que se dá como artifício e que não propicia um rompimento completo, apenas uma breve suspensão. Trapaceando a linguagem, utilizando-se desse mero artifício que entra no jogo já conhecendo sua impotência diante do oponente e admitindo sua indubitável queda, a escrita literária teima em procurar esse lugar de brevidade no próprio tecido das palavras. Crespo ao optar por entregar-se à violência do estrangeiro e recriar a linguagem ao lado do original, utilizando-se de recursos semelhantes aos do autor mineiro, consegue surgir como lampejo em meio à escuridão do estado fascista de Francisco Franco.

2. A perenidade de *Gran sertón*

No artigo “Recepción en España de Gran sertón: veredas”, o professor Antonio Maura afirma que Guimarães Rosa já era reconhecido por Crespo como escritor relevante da nova prosa brasileira nas páginas da RCB desde 1963, quando também foi traduzido pela primeira vez, com o conto “O cavalo que bebia cerveja”. Quatro anos

depois, veio a lume a tradução de *Grande sertão: veredas*, na qual Crespo revela ter optado pela máxima aproximação com o original, “en donde eran prioritarios el respeto a la oralidad del texto y a los neologismos y arcaísmos, que son propios tanto del particularísimo lenguaje de su autor”³. (MAURA, 2007, p. 110)

Como constata o professor, a tradução de Crespo repercutiu e se prolongou para além de seu tempo:

No quisiera dejar tan mala impresión con estas afirmaciones que tienen, por otra parte, algo de verdad. En primer lugar, porque el número de ediciones se ha repetido desde la primera de 1967: Seix Barral realizó varias reimpresiones, como las de 1975, 1983 o 1985, sin contar con la ya mencionada de 1999 en Alianza Editorial. También, aunque no se cite, se pueden hallar las huellas de este libro y del mundo mítico rosiano en algunas novelas cuyo peso ha sido importante en la literatura española de la segunda mitad del XX.⁴ (MAURA, 2007, p. 122)

Ainda que não tenha obtido um êxito editorial expressivo, a obra de Crespo alcançou perenidade e se tornou um paradigma na tradução de *Grande sertão: veredas* para a língua de Cervantes, o que se torna claro na recente tradução argentina, publicada em 2009 pela editora Adriana Hidalgo, em que os tradutores Gonzalo Aguilar e Florencia Garramuño citam o trabalho de Crespo e ponderam a possibilidade de um outro caminho. Ou também nas palavras de autores espanhóis da atualidade como Ricardo Menéndez Salmón e José Ramón Ripoll, que colocam em evidência a importância do legado deixado por Crespo como tradutor, ao lado de sua atuação como escritor e ensaísta.

Essa acentuada proximidade rompe com a estrutura do espanhol, gerando um falar estranho que não se coaduna com os padrões do idioma, o que instaura uma estranheza no público que muitas vezes é obrigado a olhar para a própria linguagem indagando-se sobre os seus efeitos ou simplesmente aceitando os vazios criados pelo

³ Em que eram prioritários o respeito à oralidade do texto e aos neologismos e arcaísmos, que são tão próprios da particularíssima linguagem do seu autor. [Tradução nossa]

⁴ Não quis deixar impressão tão ruim com essas afirmações que têm, por outro lado, algo de verdade. Em primeiro lugar, porque o número de edições se repetiu desde a primeira de 1967: Seix Barral realizou várias reimpresões, como as de 1975, 1983 e 1985, sem contar com a já mencionada de 1999 da Alianza Editorial. Também, ainda que não se cite, se pode encontrar as marcas deste livro e do mundo mítico rosiano em alguns romances cujo peso foi importante na literatura espanhola da segunda metade do XX. [Tradução nossa]

texto. Esse esforço para desfigurar a palavra própria, como foi constatado por Barthes, é uma maneira de o autor “trapacear” a linguagem utilizando ela mesma, provocando rasgos em sua dura malha, capazes de revelar-lhe a opacidade oculta.

Ao se investigar as escolhas de Crespo tanto em sua tradução de *Grande sertão: veredas*, quanto em sua atuação frente à RCB, observa-se que elas atingiram fecundos efeitos políticos sobre a cultura e a literatura de seu país. Na década de 1960, a Espanha ainda estava sob a égide da ditadura do general Francisco Franco. O período que teve início no ano de 1936, só terminou efetivamente com a morte do general em 1975.

A Espanha, entre os anos 1933 e 1935, foi marcada pelo governo da Frente Popular, de cunho socialista, que conferiu prioridade à educação e à cultura compreendidas como forma de alcançar a liberdade. É neste período que o grupo “*La Barraca*”, do poeta e dramaturgo Federico García Lorca, viaja pelo interior do país difundindo o teatro clássico. Todavia, iniciativas como a reforma agrária e a concessão de maior autonomia às comunidades que a reivindicavam, País Vasco e Catalunha, desagradaram os segmentos conservadores formados pelos militares, pelo clero e pelos proprietários de terra, que se reuniram no partido denominado *Falange*.

Com a chegada de Franco ao poder, os atritos internos se intensificaram, gerando uma sangrenta guerra civil que durou de julho de 1936 a abril de 1939, patrocinada pelas grandes potências totalitárias da época, a Alemanha e a Itália. A primeira sobretudo, utiliza o ensejo para realizar seu treinamento bélico. Segundo a professora Maria do Carmo Costa, no artigo “Cultura e resistência na guerra civil espanhola” (2014): “Em fins de julho de 1936, os franquistas receberam farto auxílio desses governos em material de guerra, técnicos e combatentes, transformando a Espanha num grande campo de experiências para os militares nazistas”. (COSTA, 2014, p. 3-4)

Esse cenário fechado à livre manifestação do pensamento e à expressão da cultura encarcerou e exilou muitos intelectuais e escritores, como Miguel Hernández e Antonio Machado. Nesse contexto a atividade tradutória de Crespo se destaca como uma experiência de declínio que, no entanto tornou possível a sobrevivência de uma forma dissonante.

Didi-Huberman cita a atuação de Georges Bataille à frente do caderno *Actualité*,

que reunindo textos de autores como Ernst Hemingway, Albert Camus e Maurice Blanchot era destinado à “Espanha Livre”. Por meio deste periódico, segundo Didi-Huberman, Bataille “reencontrava o sentido político de toda a experiência”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 147) A atividade de Crespo na direção da RCB também se faz como uma atividade política, contudo, por acontecer dentro do solo espanhol atua como “um cavalo de Troia”, segundo a professora da Universidade Pompeu-Fabra, Pilar Gomes Bedate, no artigo “A recepção de Guimarães Rosa na Espanha: a Revista de Cultura Brasileña” (2009). No referido artigo, a professora comenta a relevância e o aspecto político presente no periódico dirigido pelo tradutor. De acordo com Bedate, o objetivo da revista excedia a mera divulgação dos acontecimentos artísticos de um país latino-americano:

Os fatores que a conformaram como um suporte cultural que, longe de oferecer ao leitor espanhol somente notícias de um país distante e exótico, queria também informar sobre as questões de atualidade que eram debatidas no mundo intelectual brasileiro da época [...] e revitalizar, com isso, as propostas artísticas da Espanha franquista que, por um lado, esquecera (ou rejeitara) a herança das vanguardas e, por outro (entre os setores de oposição ao regime), aderira ao realismo marxista. (BEDATE, 2009, p. 102)

A RCB surgia como uma possibilidade de criação no interior de um regime totalitário, o que era perceptível na própria organização da revista que reunia traduções, ensaios e críticas de arte, assinadas por intelectuais brasileiros e espanhóis. Oculta sob um patrocínio institucionalizado, da Embaixada do Brasil em Madri, a revista abria frestas no horizonte fechado imposto por um governo que perseguia o livre pensamento e censurava as expressões artísticas.

Em seu artigo, Bedate se refere a um modo de contestação que ao mesmo tempo em que procura se ocultar, atua de forma radical no pensamento de seus contemporâneos:

Àngel Crespo, que quando foi encarregado da fundação e direção da *Revista de Cultura Brasileña* já era um conhecido opositor da ditadura e defensor da renovação da linguagem artística como meio para mudar a mentalidade e, com isso, a sociedade, encontrou na literatura brasileira daquele momento exemplos de grande interesse para apoiar

suas ideias. De sua amizade com João Cabral de Melo Neto — então diplomata na embaixada de Madri — e da afinidade política e estética que tinham nasceu a linha ideológica da *Revista*, dedicada não só a propagar a cultura brasileira no exterior, mas também a difundir na Espanha, através de uma publicação não submetida à censura oficial, as questões “subversivas” de estética, tanto para a cultura franquista como para seus opositores, que aceitavam as diretrizes do partido comunista. (BEDATE, 2009, p. 102-3)

Como assinalou Bedate ao fim do excerto supracitado, a subversão para a qual apontava a revista buscava contestar não só o autoritarismo presente no discurso franquista, mas também se contrapunha ao discurso dos opositores pertencentes ao partido comunista. Essas tendências, a franquista e a comunista, ainda que opostas, caracterizam-se conjuntamente como vozes autorizadas, como afirma Barthes, que se utilizam da linguagem em sua identificação direta com o poder para impor seus preceitos e coibir manifestações divergentes.

Conclusão

Os aspectos inovadores trazidos pelo tradutor espanhol em seu *Gran sertón* revelam a quebra de paradigmas e a possibilidade de ampliação de horizonte apesar das restrições impostas pelo regime ditatorial. Essas características colocam a atividade da revista como um lampejo, que abrangendo um período curto de oito anos, atravessou uma época de crise do pensamento e da imaginação instaurando um lugar de valorização da experiência. Ao mesmo tempo, a prática do deslocamento utilizada por Crespo propiciou a aparição de uma nova forma capaz de influir no presente e perdurar no tempo.

Ao adotar um posicionamento ético, como o compreende Berman, o tradutor espanhol tentou *acercarcarse* da cultura de partida, forçando a sua língua a ser afetada ao máximo pela diferença proveniente do lugar do estrangeiro. Nota-se que Crespo procurou tornar a sua língua mais flexível e suscetível a mudanças.

Assim, estimulando um olhar atento à procura de formas de expressão de vanguarda que resistissem ao apagamento imposto pelas vozes totalitárias, não só a tradução de *Grande sertão*, mas também a atividade de Crespo como diretor da RCB se

constituíram como formas capazes de sobreviver à censura e ao controle impetrados pela ditadura franquista. Como afirmou Didi-Huberman, Bataille redescobre o potencial político da experiência ao organizar a revista *Actualité*. Esse potencial também é desperto por Crespo, que de um modo particular atua na difusão de novas linguagens apesar das pressões que o governo exercia contra os intelectuais e artistas da época. Sob uma perspectiva mais ampla, contaminando-se com a linguagem do outro, Crespo promoveu uma transgressão silenciosa. Ao ocultar-se por meio de um subterfúgio político, criou um lampejo de resistência capaz de fecundar com a fala estrangeira a própria linguagem.

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004, 95 p.
- BEDATE, Pilar Gómez Bedate. “A recepção de João Guimarães Rosa na Espanha: a Revista de Cultura Brasileira”. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel. *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 101-112.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Helder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderling*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EdUSC, 2002. 350 p.
- COSTA, Maria do Carmo. *Cultura e resistência na guerra civil espanhola*. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n7/maria_costa.pdf> Acessado em: 31 de julho de 2014.
- Centro Virtual Cervantes: Ángel Crespo*. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/crespo/bonilla.htm>. Acessado em: 08 de dezembro de 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: UFMG, 2011, 160 p.
- MAURA, Antonio. Recepción en España de *Gran sertón: veredas*. In: *Revista de Cultura Brasileira*. n.5. Madrid: Embajada de Brasil, 2007, p. 108-125.
- RIPOLL, José Ramón. La vida plural de Ángel Crespo. In: *Centro Virtual Cervantes: Ángel Crespo*. Disponível em:

<http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/crespo/bonilla.htm>. Acessado em: 08 de dezembro de 2012.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, 594 p.

_____. *Gran sertón: veredas*. Trad. Ángel Crespo. Barcelona: Seix Barral, 1975, 464 p.

_____. *Gran sertón: veredas*. Trad. Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2009, 555 p.

SALMÓN, Ricardo Menéndez. Elogio del traductor. *Centro Virtual Cervantes*: Ángel Crespo. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/crespo/salmon.htm>. Acessado em: 08 de dezembro de 2012.